**Manifesto Crespo 3**

This is an interview with a member of the organisation Manifesto Crespo, founded in 2011, and based in São Paulo, Brazil. It is a cultural collective led by four Black women, who pursue strategies for contesting racism through processes of bodily empowerment, valorizing the particularities and potentialities of Black bodies (<https://www.facebook.com/manifestocrespo/>; https://www.manifestocrespo.org/). Through initiatives such as the award-winning project Tecendo e Trançando Arte (weaving and braiding art), they focus on the characteristics of curly black hair and how it can be appreciated and cared for in creative ways. The collective aims to promote the self-esteem of black women, and reconnect them to their origins and memories within the African diaspora, via activities such as the Estampando Saberes (printing knowledges) project that promoted the art of stamping objects with *adinkra* (Ashanti symbols).

The interview was carried out by Luciane Rocha and Renata Braga in 2017.

**XXXX:**

e essa mesinha?

**LUCIANE:**

peguei do bar [risos]

...

Vamos lá. XXXX, obrigada por participar dessa entrevista, gostaria de começar pedindo para você se apresentar. Dizendo quem é a Lúcia, profissão, escolaridade … você se apresentar.

**XXXX:**

é, bom, meu Nome é XXXX ...Tenho 32 anos, sou formada em Ciências Sociais, com foco mais na área de Antropologia e pesquisas culturais, trabalho na área de políticas públicas, na área de educação, e também como produtora cultural.Sou filha de mãe brasileira e pai nigeriano, nascida em São Paulo, criada em São Paulo. E é isso.

**LUCIANE:**

Você se formou em qual Universidade?

**XXXX:**

Na PUC São Paulo.

**LUCIANE:**

E agora está fazendo mestrado?

**XXXX:**

Ainda não. É, agora estou namorando um projeto de pesquisa, qual Universidade eu acho que vai acolher melhor. Estou sem pressa na realidade. Na realidade, eu não quero tão para agora, eu quero fazer com carinho e com mais segurança. Porque, realmente, essa parte acadêmica ela acaba com o nosso povo preto, assim. [risos] Não é? Então eu quero ir preparada, quero ir com mais segurança, sabendo o que eu quero. Ainda mais que existe esse embate acadêmico, não é? Aqui no Brasil ainda está muito distante de algumas discussões acadêmicas, então eu sei que vou enfrentar muita resistência, muita ausência de disciplinas que acolham o meu projeto. Então, eu já quero me antecipar e me preparar melhor, para, justamente, quando eu for para lá, eu for mais armada, teoricamente falando.

**LUCIANE:**

… trabalhando no seu… É, você poderia nos contar um pouco sobre a sua família, sua infância?

**XXXX:**

A minha infância, a minha família… Bom, a minha avó, mineira, criada em uma família de ourives, uma família que extrai minério, ouro, em Minas Gerais, em São João Del Rei, minha avó materna. E, que foi uma figura que por causa dos percalços da vida, saiu de uma situação até que boa, de classe média negra, da década de 20, 30. Não, de de 30, não é? E por percalços da vida virou uma gata borralheira, não é? A mãe dela faleceu, aí veio uma madrasta mesmo que colocou ela para trabalhar em casas de família aos 9 anos de idade. E, aí a partir disso, ela nunca mais se desvencilhou dessa realidade, mas ela manteve muito essa postura de saber que ela não precisaria ter tido esse destino, não é? Então, ela sempre manteve uma altivez, uma inteligência, assim, indescritível.Ela sempre autodidata, e sempre foi uma profissional disputada pela elite lá de Minas. Ela trabalhou na casa da família Neves lá. Veio para São Paulo, também trabalhou na casa de muitos políticos, muitas mansões, e então, todo esse bastidor de poder e dinheiro ela conviveu. E, muito disso foi desmistificado também, não é? Porque convivi muito nas casas que ela trabalhava, não é, aí você percebe o quanto que a riqueza é … tem uma coisa meio mítica. Porque, afinal de contas, a grande cozinha que eles comiam era a cozinha que a minha avó fazia. E que eu comia também, então, não é? Enfim. E aí, a minha mãe, por conta disso, cresceu em colégios internos, teve uma distância da criação da minha avó, porque a minha avó não conseguia criar. Enfim, mais uma mulher preta abandonada. Como todas, a maioria, não é? Mas, enfim. Minha mãe, na década de 70, final da década de 60, início da década de 70, minha mãe conheceu o meu pai em uma festa, universitária, e aí a partir daí eles começaram a namorar. E aí, assim, a minha mãe teve muito contato com esse lado da discussão da Cultura Africana, conviver, ela frequentou muito essa região da 24 de Maio, das grandes galerias, porque era o local onde a galera distribuia os flyers dos bailes. Então, ela foi uma mulher que curtiu muito os bailes na década de 80, e aí ela curtiu um outro lado com o meu pai que era… Na época que meu pai veio para cá, era plena ditadura, e ele trazia os vinis para a minha mãe. Então, muita música americana e, principalmente, Bob Marley, não é? Você pode pausar um pouquinho, eu vou assoar o nariz. [risos]

Você viu como eu sou? Essa cidade aqui acaba comigo. Quando eu viajo eu volto maravilhosa. Chega aqui…

Não, gente, a minha médica falou que eu tenho que me mudar. Que realmente não tem nada que eu possa fazer as não ser eu me entupir de remédio. Eu tenho alergia a São Paulo.

**LUCIANE:**

É mais o quê? O clima … a poluição ?

**XXXX:**

É mais o clima e a poluição. As duas coisas. Mas a poluição é maior. Quanto mais eu fico no centro, pior para mim. Mas, voltando.

Então, ela na época da Ditadura, a comunicação era bem restrita, culturalmente falando, não é? E aí, ela teve muito acesso, principalmente as músicas, culturas e etc. Aí, na década de 80, meu pai veio em um intercâmbio universitário que tinha entre a USP...

**LUCIANE:**

Qual era a profissão dele?

**XXXX:**

É, meu pai trabalha com Comércio Exterior. Ele veio, teve um pacto universitário, uma troca de Comércio e em troca teve um intercâmbio de nigerianos para cá, questão do petróleo na década de 60, 70. Então, ele veio nessa leva de intercâmbio para a USP. Então, eles foram os primeiros nigerianos a chegarem em São Paulo e tal. A maioria, nigerianos de Classe Média, não é? Então a minha mãe viveu uma vida bem de playboa. [risos] Preta pat, assim. E aí, tanto que eu nasci em uma casa ali, eu nasci às margens do Rio Pinheiros, não é? Nasci na USP, não era Hospital Universitário, era uma putsa casa ali a beira da marginal pinheiros. E aí, depois que eu nasci, rolou uma decadência gigantesca. Muito porque o meu pai achou que ia durar para sempre o dinheiro, ia durar sempre a sorte que ele tinha com negócios e aquela coisa. Acabou que a economia aqui no brasil mudou, e ele também não soube administrar. E acabou que todo mundo teve que recorrer a minha avó para sobreviver e ter casa para morar, não é? E aí, até hoje a gente mora com a minha vó, na casa que ela comprou. Ela morava com a gente nas casa de aluguel que a gente tinha, mas no final das contas, a gente foi morar na casa que ela tinha comprado. E aí, a gente construiu uma casa, e até hoje todas nós moramos lá.

**RENATA:**

Aonde que é?

**XXXX:**

.Fica na Freguesia do Ó. Na zona norte de são Paulo.

**LUCIANE:**

Os seus pais ainda estão vivos?

**XXXX:**

Sim, os dois. Meu pai fica nessa ponte aérea Brasil, Nigéria. Ele está aqui desde o ano passado, já teve dois casamentos, um monte de filhos lá na Nigéria, e tal. [risos] Enfim. E é isso. Minha mãe é sempre uma, sempre foi uma pessoa muito ativa culturalmente. Sempre gostou muito de conviver com o samba, com os bailes. Então eu sempre a acompanhei. Eu tenho um avô, que a gente não sabe se realmente é legítimo, porque não deu tempo de fazer DNA. Mas ele se reivindica pai da minha mãe, não é? … enquanto vivo que era pai da minha mãe. E que ele era da Velha Guarda da Camisa Verde e Branco. Então, eu cheguei a conviver com ele, cheguei a conviver na quadra, aprendi a sambar lá. Enfim. E aí tem essa vertente. Depois, a minha mãe me colocou na igreja da Nossa Senhora do Rosário dos homens Pretos. Que é aqui no Largo Paissandu, que tem uma história incrível de Resistência. E ela faz parte da irmandade, e eu cresci também na igreja fazendo Catequese e crisma. Com a comunidade jovem Cristã, blá, blá, blá. E aí, convivi com o outro lado da comunidade católica, que é a comunidade Afro Católica. Que é essa história das … tema as festas de São Benedito. Essas festas que só tem preto. É incrível, são maravilhosas., não é? Que os almoços são nas quadras de escolas de samba. Enfim. Essa cultura maravilhosa. E aí, depois, na universidade, que eu fui… e aí, assim, eu tinha uma noção, um pouco, aos 17, 18 anos da minha negritude, mas era uma construção, assim, muito pautada no que eu conhecia. Assim, não tinha uma questão teórica, uma questão de militância. Aí, quando eu passei na PUC. Fiz três anos de cursinho, desde os 17 eu comecei a fazer cursinho, fiquei desesperada que eu tinha que passar em algum lugar, não é? Sempre estudei muito,a ssim. Fazia inglês, fazia magistério, que era um magisterio integral. Entrava 7 da manhã, saí 18h da tarde, ia para o cursinho, voltava às 22h da noite. sábado eu ia para o inglês de manhã. NEssa pegada. Então, eu não tinha muito tempo de sair. Eu saia para lugares muito tranquilos, não ia para a balada, essas coisas,. Mas, quando eu passei na faculdade, e aí a PUC foi uma grande escolha, porque eu fiquei na lista de espera para ir para São Carlos, não é, que era uma federal. Acabei não indo, e preferi ficar em São Paulo. E aí, o embate foi financeiro para entrar na universidade. Eu não tinha o dinheiro para a matrícula, eu só tinha… Eu só tive 3 meses depois. Porque aí o meu pai chegou, e aí foi lá resolver e conseguiu pagar. Então eu cheguei com um mês e meio de aula já rolando, e aí os professores dizendo que era um absurdo eles estarem chamando a matrícula ainda das últimas listas, sendo que eu tinha passado na primeira lista, não é? Enfim. Toda aquela miséria que é a relação acadêmica. E aí, de bolsa de estudos, trabalhei na escola da Família dois anos, aos finais de semana, para pagar a faculdade. Mas foi na Universidade que uma colega negra, de tom mais claro que o meu, de cabelo mais liso que o meu, e ela ficou indignada. E falou “meu, como você pode ter esse cabelo cocó, horroroso.” E ela é sem papas na língua, não é? A Priscila, que hoje ela faz aniversário, inclusive. E ela falou ‘desculpa, mas não dá para você ficar com esse cabelo. Não dá, vamos meter umas tranças esse cabelo. Eu vou te levar em um lugar.” E aí, foi muito engraçado. ela tinha um acúmulo, ela não era tão engra de pele, mas ela tinha todo um comportamento… Engraçado, porque foi um choque. Quando eu cheguei na sala, ela era a preta da sala,não é? E ai, quando eu cheguei, ela ficou inconformada. … tão na encolha. E não, não. você está muito encolhida, vamos lá. e aí, ela me levou, e, assim, começou um novo capítulo na construção da minha negritude que foi a minha convivência com o Hip Hop, que aí foi um capítulo que, assim, me abriu as portas. E ela me levou para esse mundo do Hip Hop, de aprender com o Rap, de ir nas festas. E aí, eu me apropriei um pouco dessa moda, dessa cultura, e aí começou a ir. Aí, logo depois eu comecei a me relacionar com o … que era do Hip Hop, que era … também, e tinha uma … no hip hop. E aí, foi mais marcante para mim. Porque eu convivi com pessoas incríveis, aprendi muito, muito mesmo, sobre a cultura, e, obviamente, você começa a entender toda a discussão e junto com a faculdade você vai aumentando. e aí, para mim fez um panorama maior do que era essa questão da auto afirmação.

**LUCIANE:**

E em casa, na família, vocês falavam sobre raça e racismo?

**XXXX:**

Não, não era um assunto. Minha mãe sempre se interessou, recorte de jornal, sempre gostou de assistir filmes que tinham o tema, mas não era uma pessoa de, tipo, ter uma fala um pouco mais política, estruturada. Tinha uma valorização, tinha uma afirmação de dizer sempre que eu era importante, que eu era bonita, que eu era, não é? Minha mãe sempre teve essa coisa de me ensinar a me defender de atitudes racistas. isso, sim. E, assim, tem uma coisa de postura, assim, muito forte. Tanto da parte da minha vó e do meu pai, não é? Que o meu pai não passou pelo processo de escravidão, não é? De escravização familiar, assim. para ele, é bem complicado, compreender e aceitar a questão racista de inferioridade. Inclusive a questão de negritude. Não é a mesma coisa que a gente tem não e? Então, eu tive essa relação de homens negros, de relações, como se relacionam. Então, minha avó e minha mãe. Quer dizer, a minha avó e meu pai, sempre tiveram uma postura muito de aniquiladora perante o branco,assim. De não se colocarem em situação de vitimização. Ou de supor que.. Então, isso eles sempre foram muito espelho meus assim de referência. Então, é bem diferente a questão de negritude que eu tenho, muito por conta do meu pai, porque é outra. Completamente diferente.

**LUCIANE:**

O que é a negritude para você?

**XXXX:**

A minha negritude ela passa mais pela questão cultural e de comportamento, do que a gente tem a noção do que a gente valoriza do traço, não vou dizer, tradicional. Porque a tradições e …. a todo momento. MAs eu digo dos valores. Acho que a questão dos valores que permanecem, é uma linha contínua que a gente consegue estar esticando acada vez mais, e tentar tecer esses pontos que ficaram para trás. Essa linha de valorização de … isso, para mim é o que é negritude. Esse laço que a gente consegue entender, que é o traço cultural. Não é? A mesma coisa que se a gente conversasse com a galera que é asiática, que de alguma forma, se coloca como… É o traço cultural humano, mas cultural muito forte, que a diáspora tenta pegar os seus cacos, assim. Não é? Eu acho que até essa discussão de colorismo e tal, ela é bem vinda porque até que ponto, é muito mais importante você entender o quanto que é importante, e você que isso permaneça enquanto cultura, enquanto convivência, enquanto dado familiar, enquanto comportamento. Eu acho que passa por aí essa questão de negritude perante a branquitude, não é? Porque é isso, são duas bolas, a gente meio que reage também na auto afirmação porque a gente está sendo aniquilado, não é? Se a gente pudesse, se a gente estivesse com a liberdade de ser o que a gente é, a gente iria muito mais longe. A gente estaria muito mais aquilombado, com certeza.

**LUCIANE:**

Como que você define a branquitude e o colorismo? Essas duas...

**XXXX:**

Eu acho que a branquitude tem a ver com uma filosofia, acho que ela é uma filosofia, uma construção prévia. Antes do movimento colonialista, de se inventar essa branquitude. Acho que a branquitude começa lá na idade Média, na minha opinião, não é?

[risos]

A partir do momento que você começa a queimar as bruxas e falar que gnomo não existe, lá entre eles, lá. inclusive, eu acho que a treta até hoje do que se entende de branquitude lá na europa, assim. Porque até que ponto os Sérvios não são tão brancos, não é? Não é só a branquitude, é um padrão, um comportamento, valores, que se coloca como o que é branco propriamente dito. Tudo o que foge um pouquinho disso já uma coisa meio exótica branca, não é? Então, os russos seriam os exóticos brancos, assim. Não é? Então é isso, eu acho que é isso. uma construção social, mercadológica, que as pessoas abraçam, não é? Porque se você é branco você tem plus, não é? Você tem mais facilidade de lidar com o mundo, não é? As portas se abrem para você, do que de repente você estar reivindicando qualquer ancestralidade para vocÊ, uma árabe, uma oriental. Então, se você se coloca como branco as coisas ficam muito mais fáceis para vocÊ. e a questão do colorismo é isso. Eu acho que o impasse da miscigenação é essa, não é? De você olhar e ver o que que te … o que que sobra para você de conforto, não é? Porque a branquitude não te dá nada, então é uma opção. Agora, você valorizar a sua cultura que foi aniquilada, aí você coloca no micro, a questão de você nascer no Brasil, você ser descendente de indígena, que é uma coisa que eu acho incrível como as pessoas não querem saber dessa descendência indígena não é? Por exemplo, a gente está fazendo essa., quando a gente está fazendo essa questão da busca na questão da negritude, meio que vai mais a tona essa questão pela busca da negritude. Mas o outro lado, de você saber a sua origem étnica brasileira de fato, as pessoas não querem saber, não é? E é muito engraçado. Essa amiga minha mesmo, a Priscila que jogou o holofote na minha cara, oh você é preta, vamos lá, não é assim, você está pouso preta. Eu, esses dias, eu falei para ela. Ela tem coisas que fogem de uma família preta. Bom, a família ela não cozinha bem. [risos] É mais seca, tem muita farinha, é uma comida indígena, não é? Tem outra forma, eu falei assim: você já foi atrás disso? Ela, ah, então, eu estou pensando em visitar a minha avó no Pìauí para perguntar para ela, porque ela é indígena, não é? E ela foi, gravou a avó dela e tal. mE fali, agora o próximo passo é você pegar o mapa étnico, não é, e ver qual é essa etnia, não é? Porque ela não sabe até hoje. Então é isso, as pessoas não querem buscar isso e eu acho muito estranho. Essa não busca de uma coisa que está até mais fácil de achar, está muito mais próximo, e está vivo ainda. Dá para você correr atrás desse lado.

**LUCIANE:**

Voltando a falar do cabelo ‘cocó’. ‘cocó” que ela falou?

**XXXX:**

É. [risos] Que é aquele cabelo alisado, que já está uó, já cresceu a raíz, aí a ponta está emga alisada. e aí o que que resta você fazer? Prende tudo para atrás, enche de muito creme, e amarra. É isso, esse é o cocó.

**LUCIANE:**

Quanto tempo você alisou o cabelo? Como...

**XXXX:**

.Ah, é. Vamos lá. BOm, a minha mãe sempre trançou o meu cabelo quando eu era criança. Sempre, sempre, sempre. Meu pai trazia aquelas contas coloridas, eu amava, fazia várias coisa. MAs, ao mesmo tempo, ela alisava com o ferro quente em casa ou me levava em uma mega especialista de chapinha bahiana, e eu fazia chapinha. E, bom, aí até a adolescência. Quando chegou lá pelos 14, 15 anos ela falou “ah, vamos relaxar, vamos fazer uma química, bem light e tal.” E eu embarquei nessa, investi um super dinheiro, e realmente meu cabelo ficou aqui, eu lembro de ter esbanjado uma escova incrível na festa de 15 anos de uma amiga. Mas, não durou o quê? Nem um mês. Começou já a quebrar, quebrar, quebrar. E aí, eu comecei a recorrer às tranças, essas com kanekalon. Assim, aí comecei a fazer kanekalon, mas que também era uma grana não é? Então, nem sempre eu podia estar fazendo isso. Aí, eu lembro que na época que eu entrei na universidade eu estava super assim, mega na depressão, tipo, para mim eu não ia começar a fazer universidade, estava aquele enrosco. Então, acho que a última coisa que eu estava me preocupando era com o meu cabelo naquela época. Então, ele estava detonado. Detonado mesmo, estava uó. Aí, eu comecei a trançar, fazer outros modelos, até… Acho que a minha discussão de permanecer com o cabelo crespo começou aos… 22, 23, por aí assim. Que aí, eu comecei a fazer dança afro, e aí comecei a conhecer outras pessoas… Ah, detalhe. Durante toda a universidade eu fazia iniciação Científica, pesquisa sobre cultura popular. Eu viajava muito pelo Brasil, conhecendo os grupos de Cultura Popular Tradicional. Então eu ia para comunidades jongueiras, ia com uma mochila nas costas. E aí, eu fiz um mapeamento em São Paulo dos grupos de cultura Popular. Foi até uma Pesquisa Premiada na PUC e tal. E aí, tem esse outro lado da negritude, não é? que é completamente diferente, que é a de valorização enquanto existia muita gente branca nesse meio da cultura Popular, sempre teve no Maracatu e tal. E do outro lado eu convivia com o Hip Hop. Teve uma época que eu era bem, assim, parecia uma hippie, não é? [risos] Aí, eu sempre … misturou. Aí, realmente eu deixei o meu cabelo ficar crespo, aí adotei um estilo. E mais para frente, conheci uma amiga e ela fazia um penteado que foi, assim, divisor de águas. Que chama baião de dois ou twist,não é? Que você pega uma traça de dois, fica lindo não é? E aí, a gente começou a conversar sobre isso. Foi uma época eu convivia com umas meninas que tinham, não sei, que toda hora passava por esse assunto. Ah, o cabelo importante, ah o cabelo das mulheres negras super importante falar sobre isso. E a gente acabou dividindo váris coisas, várias dicas e tal. A outra serve de espelho para a gente. a gente vê outra mulher negra de cabelo crespo, a gente vê bonito e se inspira e tal. Aí, a gente começou a falar sobre isso e tal. E aí, em um certo dia, eu falei assim: a gente podia lançar um manifesto público sobre isso. uma carta. Maior viagem. Ah, a gente podia escrever uma carta sobre essa questão do corpo, porque o corpo fala através do cabelo, esse corpo quer se manifestar. E a gente até pensou em mandar essa carta para vários artistas para dar visibilidade, para assinar. Na época, Sandra de sá por conta da música. Chico César, a gente começou a fazer uma lista...

**LUCIANE:**

Em que ano foi isso?

**XXXX:**

Acho que foi 2009, 2010. E aí, essa minha amiga … bailarina e tal, ela escreve para cá, telefone para cá. Eu lembro dela ter feito um desenho, aquele coraçãozinho, eu fiz um cabelinho, tipo, i love crespo. A gente estava pensando em uma marca, a gente ficou conversando, aí meio que essa ideia morreu, ela não falou mais nada sobre isso, meio que amornou, mas eu guardei tudo. Tipo, eu escrevi tudo e deixei guardado. Aí, eu olhei para o lado assim: emu, tem essas, essas, essas meninas todas e elas não se conhecem, mas acho que seria interessante se a gente se juntasse para fazer o projeto. Aí, abriu o edital do Vai! Eu fali, eu acho que de repente dá certo se a gente juntar as meninas. Aí, a única coisa que eu fiz, eu não convidei a Janet. Inclusive, ela é magoada comigo até hoje. mas, por que? Eu continuei falando sobre isso, a gente fez uma viagem para a Bahia uma vez, ela ficou no mesmo apartamento que eu, ams ela, uma relação meio fria, distante. Super focada em estudar dança, eu falei, bom, acho que ela está em outra, nem cogitei, e peguei outras meninas. Uma que era cabeleireira, a Iza. A thalita, que tem um cabelo incrível vermelho, que ela manja muito de fazer tingimento, não com tinta de cabelo, mas ela usa outras coisas. Surreal.   
Tinta para madeira, tinta de não sei o quê, e dá certo. Ela chega no tom de vermelho que ninguém tem, e o cabelo dela não detona, é incrível. Aí tinha uma menina da galeria, tinha… que era uma loja de roupa aqui. Mas a galera aqui na galeria era o point. E eu conheci ela aí, a Celisa, e ela tinha uma pegada boa de produção. E ou ela estava careca ou ela estava com o cabelo curto. Eram meninas negras que sempre tiveram cabelo curto assim crespo. Tinha a Nina, que tinha uma produtora. Eu, a Nina e a Julie, eu trabalho com a Julie há muito mais tempo, como produtora, não é? A gente era produtora de um cantor de Samba Rock, e aí a gente tinha uma produtora chamada … cultural. E a nina entrou nessa produtora. Então, já estavam as três juntas trabalhando eu meio que falei e aí, o que vocês acham dessa ideia. Vamos fazer? Quem vocês conhecem? Ah, tem a Celisa, a Thalita e aí a Iza, e a Nena. A Nena já cantava, compositora de Menina Pretinha da MC Sophia. Apenas, não é? [risos] Eu falei, gente, a Nena tem que estar porque são duas pessoas que trançam, aí a thalita queria muito trabalhar com audiovisual, fazer um documentário sobre as trancitas, e tal. Eu falei então fechou. Vamos fazer. Aí, pegamos um final de semana e escrevemos o projeto. Em cima da cama dela …. Mandamos o projeto e ele foi aprovado. Assim, no susto.

**LUCIANE:**

O edital do VAI que você falou?

**XXXX:**

É. O VAI chama… Programa de valorização de iniciativas Culturais. É um edital que fomenta grupos que têm projetos culturais que sejam, assim, pela primeira vez pegando um edital. Então, o edital é super acessível no sentido, assim: eles abrem antes oficinas de como escrever projeto, tem a cartilha. Enfim, é para a galera realmente da periferia acessar e fomentar temas que geralmente não tem acessibilidade de acessar o dinheiro, não é, da prefeitura. Então é um projeto que foi feito pelo Nabil Nanbuk pelo PT, na época da gestão da Martha se eu não me engano, eu acho que foi. Se eu não em engano. E aí, está até hoje. Agora ele tem dois módulos, módulo 1 e o módulo 2, para quem já pegou o 1. É uma grana maior e tal.

**RENATA:**

Vocês aplicaram para o módulo 2?

**XXXX:**

.A gente já mandou, mas a gente não foi aprovado. Mas a gente ganhou um prêmio, não é?

[risos]

Tudo bem...

**LUCIANE:**

Bom, antes de falar do prêmio. O manifesto Crespo se definiu como o objetivo cultural de Mulheres Negras. O que isso quer dizer? objetivo Cultural de Mulheres Negras?

**XXXX:**

É um Coletivo, que tem esse recorte de gênero, não é? Porque a gente teve a preocupação desde o início de não abrir mão disso. Lógico, tem parceiros até hoje com a gente. Mas a gente decidiu não abrir para homens. Essa é a primeira coisa. E a segunda coisa é pensar o que que é isso, não é? Fazendo. O que que cada uma pensa sobre cultura, cada uma enquanto arte gostaria de fazer e provocar. E quais seriam os meios para fazer isso. Então, é um coletivo que se reinventa a todo momento. É super, assim, é aberto no sentido das pessoas proporem e também saírem do coletivo e outras pessoas entrarem, entendeu? Então … pensar cultura, é pensar o que a gente valoriza. Como a gente gostaria de ser, a nossa visibilidade enquanto mulher negra na cultura, em geral. Esse olhar, não é? A gente não elegeu como linguagem, por exemplo, teatro. Até hoje, cinema, até hoje. A gente elegeu a questão mais da estética e da moda, pelo primeiro momento, não que a gente não goste do audiovisual. A gente gosta bastante. Tanto que no primeiro momento a gente tenta fazer coisas, mas a gente não tem estrutura financeira para isso. Mas, essa parte da comunicação difundida é o que nos interessa. De arte e educação. Então, é como através da arte e da educação a gente consegue estabelecer esse diálogo, pronto para reflexão, e o quanto isso alcança as pessoas. Então, a gente não tinha muita previsão do que ia acontecer. A gente foi fazendo, não é?

**LUCIANE:**

Como que é a estrutura organizativa, assim? Vocês tem uma estrutura antiga de … que empresa tem. É horizontal?

**XXXX:**

É horizontal. Sempre foi. E uma coisa que a gente sempre quis exercitar é: todo mundo faz tudo. Na medida do possível. Claro que, uma é fotógrafa, fez o curso de fotografia, mas todas vão fotografar. É, uma fez curso de trança, mas de alguma maneira vai ter que aprender a dar esse curso de trança, então no ponto que você consegue se sentir confortável, não é? Isso é um exercício. Por exemplo, a Julie, ela assumiu pela primeira vez a oficina de turbante, ela nunca tinha dado. Então é isso, é isso. A gente tenta se empoderar no sentido da gente ver que é essa coisa cíclica mesmo. De todo mundo fazer tudo. De pensar que tem que ser compartilhado, experimentado, e a gente está numa relação com o outro sempre de diálogo. Enfim, de sentir um pouco como é. É mais ou menos isso que a gente enfrenta todos os dias, não é? Porque as pessoas quando elas procuram a gente, claro que elas acham bonito. “Ah, que legal, vou fazer uma oficina de turbante”. A gente sempre teve isso como isca, não é? A finalidade não é, olha, a pessoa vai sair super profissional da trança, não é? A gente quer dialogar com essa pessoa do por que a trança, por que, como é a sua relação com o seu corpo? E se você for fazer em outra pessoa, qual vai ser a sua relação também. Então, acontece muito de mães, nos relacionamentos inter raciais, então a mãe branca que casou com um homem negro, tem uma filha com cabelo crespo e vai desesperada nas nossas oficinas. “Eu não sei o que fazer com o cabelo da minha filha, porque o meu cabelo é liso! Ela quer alisar o cabelo para ficar com o cabelo igual ao meu. “ E lá, enfim, a gente também recebe muito essas demandas. Mas, de tudo isso, o mais importante é forjar esse encontro. Porque o que eu percebo… Recentemente eu fui para SAntarém, não é? Fui duas vezes. Fui em novembro do ano passado a convite da Universidade UFOPA, na semana de Consciência Negra. E retornei a convite do grupo de mulheres negras de lá. E é isso. o que eu sinto é isso. A necessidade de estar junto. E desse estar junto propor alguma coisa que é o diálogo. Mas é a nossa proposta de fazer um diálogo anti racista, uma prática anti racista, na troca. Na base da troca. E eu acho que isso é super ancestral. Acho que não há nada mais ancestral que a troca, não é?

Quer dizer então que o objetivo do Manifesto Crespo é a troca? O Combate anti racista….

É, porque sem a troca… a troca é o primeiro passo para o diálogo, eu acho. Quando a gente está oferecendo algo para essa pessoa, branca ou não branca, criança ou adulto, homem ou mulher, para estabelecer esse diálogo, essa troca, no que a gente quer falar. A gente quer falar desse corpo. Desse corpo que existe. Que tem uma característica. Desse corpo que sofre por ser esse corpo, não é? E aí é ver o limite do que atinge as pessoas. Acho que não precisa ser uma questão direta.

[risos] Pausa para os comerciais.

**XXXX:**

… ela achou… mas ela não colocou a gente em contato. Porque ela achava que a gente …. estrutura, junto. Saber se não vai rolar. Não tem nada a ver isso, não é? Então, eles que criaram um clima de tensão que não existe. Não é? Então,existe muito mais a fala,e além disso, a fala de todos, não é?

**LUCIANE:**

Qual era o cenário político na época que você começou?

**XXXX:**

Então, na época,a gente tinha como figura… deu muita força no sentido de diálogo. A Celise que era do Coletivo, ela ia muito para o Rio de Janeiro.

Então, a gente teve um diálogo no início muito… Então